

A ILLUSTRACÃO

PARIS

Redacção e administração: 13, quai Voltaire
Paris

Receber todas as ped. das assignaturas e mandatos
em Portugal e no Br. David Corazzi, 43, rua
Atalaya, Lisboa; e no Br. de 96, rua de
S. Paulo, 38, no Br. de 100, no Br. de 100.
Pela de 100, no Br. de 100.

7.º ANNO — VOLUME VII. — N.º 16

PARIS 20 D'AGOSTO DE 1890

Corrente em Portugal e Brazil: DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 43, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNO	2.400 REIS
SEMANAL	1.200 —
TRIMESTRAL	600 —
ANNUO	100 —



UM ESCRITOR PUBLICO EM HESPAÑA.
Quadro de J. J. J. J.



CHRONICA

EM CINTRA

SOCEGUEM, leitores!...

Não é meu intento fallar-lhes, nem das frescuras de Cintra, nem da opulenta vegetação, nem das aguas correndo e cantando sob mysteriosas folhagens, nem do castello recordando no azul purissimo a sua carcassa medieval, nem em nenhum d'esses terribes lugares communs da admiração e da litteratura indigenas, — de cada vez que um pluvioso lisboeta troca os horisontes da *Havaneza*, pelo horisonte que se descobre do alto dos Settaes...

Deixemos em paz Cintra — a Cintra pittoresca e graciosa, como qualquer montanha das bandas da Escocia, collocada pelo Supremo Architecto ás portas de Lisboa, para pasmo de poetas e deleite de bons burguezes; deixemos Cintra em paz, e deixemos tambem em paz a rhetorica.

Entremos no Eden, e digamos francamente o que falta a este Eden, para que seja um soffriavel Paraíso de 1.ª classe.

..

Cintra continua sendo inhabitavel!...

Se eu dissesse semelhante cousa, em Cintra, no meio da praça, diante dos velhos apaixonados e frequentadores de Cintra, — mettiam-me na cadeia.

Digo-o nas columnas da *Illustração*, onde o perigo é menor; mas digo-o para ver se convencer algum mysterioso industrial a fazer uma fortuna, dotando Cintra de pequenas cousas que a tornarão um Eden sufficientemente habitavel, dentro de muito pouco tempo.

Ora ouçam...

..

N'um local de verão, como é Cintra, a uma hora d'uma capital com poucos ou nenhuns arrabaldes, — a população divide-se em duas categorias: população residente e população fluctuante.

Antigamente só havia em Cintra a população residente, a gente rica em villegiatura, tendo ali as suas casas de campo. A população fluctuante era insignificante, por causa não tanto da longa viagem em trem, mas por que um passeio a Cintra custava logo, só de carro, 6:000 reis. Juntem-lhe a ladroeira dos hotéis; e só podia ir a Cintra o príncipe de Galles, ou o sr. Monteiro dos Milhões, ou o sr. Marquez de Franco.

E conta-se até que uma vez, quando este sr. marquez ainda era apenas visconde, S. Ex.ª quizera ir ao Eden. E tivera de ficar na Porca-lhota, sem recursos monetarios para continuar tão dispendiosa viagem.

A isto juntava-se o costume que tinham certos cocheiros de se emborrachar pelo caminho; depois emberrar com o freguez quando este ou-sava alguma reflexão; de modo que o passageiro entrava geralmente em Cintra, tendo sido previamente tosado pelo cocheiro.

Cintra, antes do caminho de ferro, o menos que custava a quem lá ia de passeio, para gosar do fresco, ou para jantar em *tête-à-tête* com alguma morenita do visinho reino — era um conto de reis e uma carga de pau.

Quando se não apanhava a carga de pau tradicional — gastavam-se dois contos...

E ainda se ficava a dever cem mil reis ao Victor!

..

Hoje temos o caminho de ferro que n'uma hora nos põe em Cintra, custando ida-e-volta mil reis, dentro d'uma luxuosa carruagem de 1.ª classe, como se não encontra melhor lá fora...

Digo lá fora, para não perder o bom costume indigena, de procurar sempre comparações e referencias ao que ha lá fora.

A mania do indigena é fazer tudo quanto se faz lá fora. E graças a esta mania, que nós andamos a macaquear tudo quanto de mau ha lá por fora, sem importarmos uma só das manifestações de bom senso e de bom gosto que constituem o encanto dos paizes lá de fora.

E' por isso que me é consolador afirmar que a linha de Lisboa a Cintra é tão boa como a que ha lá fora, de Paris a Saint-Germain, e que as carruagens de 1.ª classe são mais luxuosas que todas quantas lá fora existem.

..

Com o caminho de ferro a população fluctuante augmentou consideravelmente; e hoje Cintra está destinada a ser mais frequentada que Versalhes, Fontainebleau ou Saint-Germain, — porque ás portas de Paris contam-se pelo menos vinte sitios qual d'elles o mais pittoresco, para onde a população pode ir passar o domingo, enquanto que ás portas de Lisboa não ha senão Cintra.

Sómente o Eden lisboeta não tem attractivos sufficientes.

Em qualquer Eden dos tempos modernos, a Natureza não basta.

Se Adão e Eva agora ressuscitassem, imaginam que poderiam andar por Cintra, além de nus, consolados com a frescura do ar e com as maravilhas da natureza?...

O Adão 1890 difere radicalmente em appetites do Adão biblico. Precisa de conforto, de comodidades, de luxo e de distrações mais que as bucolicas.

1890 já se não contenta, nem com a luz da lua, nem com os trinados do rouxinol.

A luz da lua só a supporta, entre uma partida de bilhar ou uma partida de baccarat.

Assim é o fim-de-seculo!

..

Para que Cintra seja um Eden apresentavel precisa:

1.ª D'um restaurante collocado n'um ponto da serra, donde se gosse, comendo, de todo o panorama.

2.ª D'um hotel-casino, onde ha noite se possa ler, jogar, dançar e ouvir boa musica.

Enquanto isto não houver, Cintra será intoleravel, para quem all queira passar um dia.

Imaginem o desgraçado que, depois d'uma semana de trabalho em Lisboa em pleno agosto, se lembre de partir no sabbado á tarde para Cintra, para de lá voltar na 2.ª feira pela manhã...

Os hotéis são uns burucos, n'uns sitios de Cintra donde nada se vê e onde ninguém respira vontade. N'uma terra onde ha fontes-de-vista a dar-lhes com um pau, os hoteleiros tiveram a habilidade de arranjar hotéis encravados em casas tendo como horisonte os muros de outras casas!

Toda a gente é obrigada a ir comer á meza redonda, como em qualquer mau hotel de Lisboa.

E apenas cae a noite, tudo parou, tudo morreu. Não ha um café, não ha um bilhar, não ha nada para onde ir passar innocentemente uma hora, jogar, ver jogar, ouvir musica, dançar ou ver dançar, como succede em toda a parte.

De sorte que apenas se acaba de jantar, o terror invade-nos; e deita-se a correr para a estação, para upanhar o comboio para Lisboa.

Porque ao menos em Lisboa temos o *Gremio* e mais o *Martinho*.

..

Pelo amor de Deus, civilisem Cintra.

MARIANO PINA.



ANTHOLOGIA

Quem sou eu que assim vivo descuidado?
Quem sou eu, que não vivo arrependido?
Quem serei, que não ando apercibido?
Não sei aonde irei dar tão mal parado.

×

Fui quem não foi; do nada fui formado,
Sou quem não sou, sou nada conhecido;
Serei quem fôr a nada reduzido,
Que enfim lá vai para todo o creado.

×

Sópro fui, vento sou, e heide ser vento,
O sópro é não; o vento cousa errada;
Mentira a vida, e nada o pensamento.

×

Enfim, que eu fosse sombra respirada,
Ou seja, ou venha a ser algum momento,
Nada fui, nada sou e heide ser nada.

ANONYMO.

(Escola quinhentista).



O INFANTE D. HENRIQUE

I

Das figuras heroicas do passado,
Dus que — na photosphera rutilante,
Onde se expande o vôo equilibrado
Da legião gloriosa, triumphante,
Que no solo da patria, bem amado,
Deixou bem fundo, o rasto de gigante, —
Destacam, d'entre a chusma dos heroes,
Como, da poeira astral, os grandes soez;

II

D'esses que formam — almas desfaldadas
Pelo profundo ceu do pensamento —
Como que as pregas ideaes, sagradas,
Do pavilhão da patria, arfando ao vento,
E a cuja sombra, em horas enluctadas
De taciturno, amargo desalento,
Ou nos dias de gloria e brilho novo,
Se acollhe e retempera a alma do povo;

III

D'esses — é elle um dos maiores! Aito,
Tão alto, que, lançando o olhar seguro
Por sobre o fragoroso, horrído assalto
Das ondas bravas d'esse mar escuro,
Povoado de monstros de basalto,
De tetricas visões, cujo enconjuro,
Vociferando lugubres presagios,
Só prometia mortes e naufragios,

IV

Viu, para além do portico cerrado,
Que aterra o olhar o Oceano Tenebroso
E a cujo limiar, nunca violado,
Séculos de terror prodigioso,
D'universal delirio, horror sagrado,
Empedrados de assombro angustioso,
Tinham quedado — estatuas de vencidos,
Laocoonos, de phantasmas recingidos;

V

Viu, atravez da noite inconstellada
Que recobria o abysmo negreante,
Onde o clarim alpestre da alvorada
Não despertára nunca um echo errante,
Onde a equorea campina, ora coalhada,
Ora em cachões desfeita e fumegante,
Exhalava lethiferos vapores,
Bafo immundo de monstros bramidores;

VI

Viu — fluctuando em ondas remansosas,
Como em ninho de espumas conchegadas,
Umas como que terras mysteriosas,
Ilhas talvez, decerto afortunadas,
Na corrente das aguas murmurosas
Para o berço do sol talvez levadas...
E atraz d'essa dulcíssima visão
Lam-se-lhe alma, vida, coração!

VII

De pé, na aguda escarpa do rochedo
De que fizera abrigo solitario,
Que mais disseres aspero degredo
Ou reiro de monge visionario,
Ou julgares — talhada no fraguado —
Phantastico navio temerario,
Impaciente que bata a sua hora
Por fazer-se de vela, sem demora;

VIII

Pelo silencio calmo, grato á mente
Que os problemas eternos vê, medita,
— Busca, ansioso, de Sagres o videntio,
Ler nas letras da abobada infinita...
Os astros interroga. Do oriente
Ao poente, na orbita prescripta,
Vae seguindo, escutando o rumo vario
D'esses lumes do immenso lampadario.

MANUEL DUARTE D'ALMEIDA



AS NOSSAS GRAVURAS

UM ESCRITOR PUBLICO EM HESPAHNA

A NOSSA gravura é a reprodução d'um delicioso quadrinho que figurou este anno no Campo de Marte (saion Meissonnier), e de que é autor um artista hespanhol de raro merecimento, o sr. Jimenez-Prieto. No agrupamento das figuras e nos detalhes do quadro — posto que preparados de ante-mão — mais uma vez se reconhece esta composição pittoresca e risonha que é tão característica da moderna escola hespanhola, e onde se sente a tradição de Fortuny.

A reprodução é feita pelo nosso illustrador collaborador Ch. Baudé.

O seu nome é bastante para termos a convicção de que temos na nossa frente o quadro, sem um erro de detalhe e sem uma falsa interpretação de colorido.

A MISERIA EM PARIS

Querem saber a causa de tantas revoltas tanto em Paris, como em Londres; de tantos crimes politicos, de tantos clubs anarchistas e communistas?... Olhem para esses homens, encostados á muralha do caos d'Orsay, esperando pela a hora em que se faz no quartel fronteiro a distribuição da sopa.

Ahi está a explicação de tantas revoltas, de tantos odios politicos, de tantas attentados e de tantas associações secretas.

A sua causa — é a miseria, a falta de trabalho, a fome.

Quando os legisladores tiverem estudado o meio de attenuar a miseria das grandes capitães e dos grandes centros industriais e mineiros; de garantir trabalho a todo o operario; e de pôr ao abrigo das explorações do capital, — n'esse dia desaparecerão os terrores que hoje pesam sobre certos Estados europeus.

Até lá, as revoltas sociaes continuão crescendo, por que são a isso impellidas pela fome.

Felizmente que d'esses males politicos, está por enquanto livre o nosso país, porque entre nós — graças a Deus — não ha miseria, ainda se não morre de fome.

MISS DOROTHY TENNANT

Miss Tennant, uma pintora ingleza distinctissima, de quem damos hoje o retrato, é dezoito dias de julho finda a esposa do celebre explorador Stanley.

Miss Tennant pintou ha annos o retrato do explorador. E diz-se que foi durante as sessões do pose, que Stanley se apaixonou da que é hoje sua mulher.

A cerimonia do casamento, a que assistio o alto mundo politico, scientifico e aristocratico de Londres, teve lugar na abbadia de Westminster.

Miss Tennant é uma linda figura do ingleza, de que fallaram com grande admiração todos os jornaes da Europa.

Na cerimonia, os convidados traziam um laço de fitas brancas na botocera, donde pendia um minuscúlo mappa d'Africa.

A MARTINICA

Um medonho incendio destruiu em fins de junho ludo a cidade de Port-de-France que é a capital da ilha Martinica, colonia franceza.

Port-de-France conta 12000 habitantes. A cidade é encantadora, admiravelmente situada. Mas desde o tremor de terra de 1839, os habitantes resolveram construir as casas so de madeira. D'ahi a medonha extensão que tomou o incendio a que nos estamos referindo.

Ficaram sem asylo 50000 pessoas. Arderam 10000 casas, e morreram no incendio 13 pessoas. Teem-se organizado em França grandes subscripções e festas de caridade, para socorrer as victimas de tamanha calamidade.

UM NAUFRAGIO

O bello e terrivel quadro que hoje offerecemos aos leitores da ILLUSTRATION, figurou no Salon de Paris do anno lindo.

É um drama do mar, com todos os horrores, angustias e anxiedades do naufragio.

O assumpto tem tentado muito artista, e já não teem conto os quadros que conhecemos tratando todos uma scena de naufragio.

Apesar d'isso, o sr. Dawant pintou a sua tela com um vigor e uma maestria notaveis, dando ás physionomias expressões admiraveis de verdade dramatica.

O DIA 14 DE JULHO

O 14 de julho em França é o dia da festa nacional da Republica, porque commemora o 14 de julho de 1789, dia da tomada da Bastilha.

É dia de festa para o povo. E em Paris, no dia 14, armam-se coretos nas praças e nos squares, e as danças ao ar livre duram duas e tres noites.

É o aspecto d'um d'estes bailes nos bairros populares, o que hoje nos offerece o nosso collaborador Viérgé.

NO VERÃO

O quadro de Roll, o illustro pintor francez, figurou no Salon de Paris de 1889.

É d'uma simplicidade e d'uma frescura incomparaveis. É quadro para a quadra que atravessamos; é uma actualidade artistica de mais subido valor.



CARTAS DE FRADIQUE MENDES

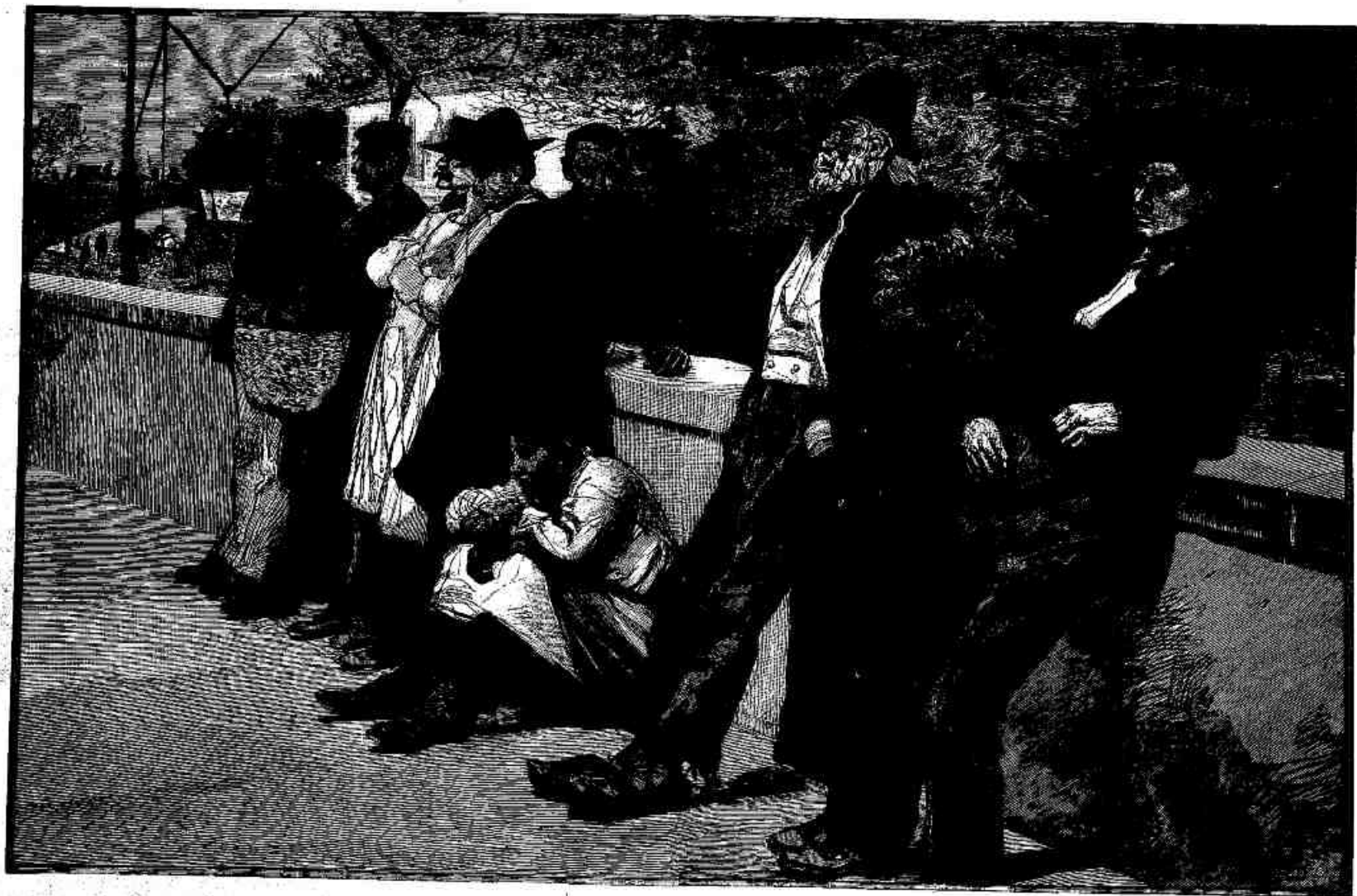
(A RAMALHO ORTIGÃO)

Paris, maio.

QUERIDO RAMALHO. — No sabado, á tarde, na rue Cambon, avisto dentro d'um fiacre o nosso Eduardo, que se arremessa pela portinhola para me gritar: « Ramalho, esta noite! de passagem, para a Hollanda! ás dez! no café da Paz! »

Fico docemente alvoroçado; e ás nove e meia, apesar da minha justa repugnancia pela esquina papalva do café da Paz, lá me installo, com um bock e com o Standard, esperando a cada instante que surja, por entre a turba miúda e molle do boulevard, o esplendor da Ramalhal figura. A's dez saíra d'um fiacre com anciedade o vivaz Carmonde, que abandonára á pressa uma sobre-meza alegre pour voir ce grand. Origan! Começa uma espera a dois, em tedio a dois, com bock a dois. Nada de Ramalho, nem do seu viço. A's onze apparece Eduardo, esbaforido. E Ramalho? Inedito ainda! Espera a tres, impaciencia a tres, bock a tres. E assim até que o bronze nos soou o fim do dia — como ousava dizer Chateaubriand.

Em compensação um caso, e profundo. Carmonde, Eduardo e eu sorviamos as derradeiras



A MISERIA EM PARIS. — A' HORA DA SÔPA DIANTE DO QUARTEL DO CAES D'ORSAY.

fez do bock, já desiludido de Ramalho e das suas pompas, quando roça pela nossa mesa um sujeito escuri-nho, chupadinho, apuradinho, esticadinho, que traz na mão, com respeito, quasi com religião, um soberbo ramo de cravos amarelos. É um homem d'além dos mares, da Republica Argentina ou Peruana, e amigo de Eduardo—que o retém e apresenta « o sr. Mendibal ». Mendibal aceita um bock: e eu começo a contemplar em silencio aquella facesinha toda em perfil, como recortada numa lamina de machado, d'uma côr acobreada, de chapéu côco inglez, onde a barbita rala, hesitante, denunciando uma virilidade frouxa, parece cotão, um cotão negro, pouco mais negro que a tez. A testa escurecida foge toda para traz, timidamente. O corpo da garganta esguicha, ao contrario, avança como o esporão d'uma galera por entre as pontas quebradas do collarinho muito alto e mais brilhante que esmalte. Na gravata, grossa perola.



MISS DOROTHY TENNANT, esposa de Stanley.

Eu contemplo, e Mendibal falla. Falla n'um tom arrastado e humido, quasi dolente, em que as syllabas desfallecem, se esvaem em gemido. A voz é certamente triste: — mas, no que diz, revella a mais forte, segura e insolente satisfação de viver. O animal tem tudo: immensas propriedades além do mar, a consideração dos seus fornecedores, uma casa no pare Monceaux, e « uma esposa adoravel ». Como deslousou elle a mencionar essa dama que lhe embelleza o lar? Não sei. Houve um momento em que me ergui, chamado por um velho inglez meu amigo, que passava, recolhendo da Opera, e que me queria simplesmente segredar que « a noite estava esplendida ». Quando voltei á meza e ao bock, o Argentino encetára em monologo a glorificação da « sua senhora ». Carmonde esquecera o charuto, devorando o homenzinho com olhos que riam e saboreavam, infinitamente divertido. Eduardo escutava com a compostura grave de um portuguez antigo.



MARTINICA.—VISTA GERAL DE FORT-DE-FRANCE, RECENTEMENTE INCENDIADO.

E o Mendibal, tendo posto ao lado, sobre uma cadeira, com cuidados de votos, o ramo de cravos, desfilava as virtudes e os encantos de Madame. Sentia-se ali uma d'essas admirações effervescentes, borbulhantes, que se não podem retrahir, e transbordam por toda a parte, mesmo por sobre as mezas dos cafés: onde quer que passasse aquelle homem iria deixando exalar a sua adoração pela mulher, como um guarda-chuva encharcado vai fatalmente pingando agua. Compreendi, desde que elle, com um prazer que lhe repuxava mais para fóra o corpo da garganta, revelou que Madame Mendibal era franceza. Tíhamos alli portanto um fanatismo de preto pela graça clara e loira d'uma parisiensezinha, picante em seducção e fina. Desde que comprehendi, sympathizei. E o Argentino farejou em mim esta benevolencia critica—porque foi para mim que se voltou, lançando o derradeiro traço, o mais decisivo, sobre as excellencias de Madame: « Sim, positivamente, não havia outra em Paris! Por exemplo, o carinho com que ella cuidava da mamã (da mamã d'elle), senhora de grande idade, cheia de achaques! Pois era uma paciência, uma delicadeza, uma sujeição... Oh, de cair de joelhos! Então nos ultimos dias a mamã apparecera tão excessivamente rabujentata!... Madame Mendibal até andava pallida. Desorte que elle proprio, n'esse domingo, lhe pedira que se fosse distrahir, passar o dia a Versalhes, onde a mãe d'ella, madame Joubert, habitava por economia. E agora viera elle de a esperar na gare Saint-Lazare. Pois senhores, todo o dia em Versalhes, a santa creatura estivera com cuidado na sogra, cheia de saudades da casa, n'uma ansia de recolher. Nem soubera bem a visita á mamã! A maior parte da tarde, e uma tarde tão linda, gastára a reunir aquelle esplendido ramo de cravos amarelllos para lhe trazer, a elle! »

— É verdade! Veja o senhor! Este ramo de cravos! Até consola. Olhe que para estas lembrancinhas, para estes carinhos, não ha senão uma franceza. Graças a Deus, posso dizer que acertei! E se tivesse filhos, um só que fosse, um rapaz, não me trocava pelo principe de Galles. Eu não sei se o senhor é casado. Perdõe a confiança. Mas se não é, sempre lhe direi, como digo a todo o mundo:—Case com uma franceza, case com uma franceza!...

Não podia haver nada mais sinceramente grotesco e mais iaguentamente tocante. Como V. não vinha, fugido Ramalho, dispersamos. Mendibal trepou para um fiacre com o seu extremoso molho de cravos. Eu arrastei os passos, no calor da noite, até ao club. No club encontro Chambray, que V. conhece — o « formoso Chambray ». Encontro Chambray no fundo d'uma poltrona, deitado e radiante. Pergunto a Chambray como lhe vai a Vida, que opinião tem n'esse dia da Vida. Chambray declara a Vida uma delicia. E, immediatamente, sem se conter, faz a confidencia que lhe bailava impaciavelmente no sorriso e no olhar humedecido.

Fôra a Versalhes, com tenção de visitar os Fouquieres. No mesmo compartimento, com elle, ia uma mulher, *une grande et belle femme*. Corpo soberbo de Diana n'um vestido collante do Redfern. Cabellos apartados ao meio, grossos e apaixonados, ondeando sobre a testa curta. Olhos graves. Dous solitarios nas orelhas. Ser substancial solido, sem chumaços e sem blagues, bem alimentado, envolto em consideração, superiormente instalado na vida.

E, no meio d'esta respeitabilidade physica e social, um geito equivoco de molhar os beijos a cada instante, vivamente, com a ponta da lingua... Chambray pensa consigo: — « burguezia, trinta annos, sessenta mil francos de renda, temperamento forte, desapontamentos d'alcova ». E apenas o comboio larga, toma o seu « grande ar Chambray », e dardejia á dama um d'esses olhares que eram outr'ora symbolisados pelas

frexas de Cupido. Madame impassivel. Mas, momentos depois, vem d'entre as palpebras um pouco pesadas, direito a Chambray que vigiava de lado, por traz do *Figaro* aberto, um d'esses raios de luz indagadora que, como as da lanterna de Diogenes, procuram um homem que seja um homem. Ao chegar a Courbevoie, a pretexto de baixar o vidro por causa da poeira, Chambray arrisca uma palavra, atrevidamente timida, sobre o calor de Paris. Ella concede outra, ainda hesitante e vaga, sobre a frescura do campo. Está travada a *Ecloga*.

Em Suresnes, Chambray já se senta na banqueta ao lado d'ella, fumando. Em Sèvres, mão de Madame arrebatada por Chambray, mão de Chambray repellido por Madame: — e ambas insensivelmente se entrelaçam. Em Viroflay, proposta brusca de Chambray para darem um passeio por um sítio de Viroflay que só conhece, recanto bucolico, de incomparavel doçura, inacessivel ao burguez. Depois, ás duas horas tomariam o outro trem para Versalhes. E nem a deixa hesitar—arrebata-a moralmente, ou antes physiologicamente, pela simples força da voz quente, dos olhos alegres, de toda a sua pessoa franca e masculina.

Ei-los no campo, com um aroma de seiva em redor, e a primavera e Satanaz conspirando e soprando sobre Madame os seus hafos quentes.

Chambray conhece a orla do bosque, junto d'agua, uma tavernola que tem as janellas frescamente encaixilhadas em madresilva. Porque não irão lá almoçar uma caldeirada, regada com vinho branco de Suresnes? Madame na verdade sente uma fomesinha alegre, de ave solta no prado: e Satanaz, dando ao rabo, corre adiante, a propiciar as coisas na tavernola. Achem lá, com effeito, uma installação magistral: quarto fresco e silencioso, meza posta, cortina de cassa ao fundo escondendo e trahindo a alcova. « Em todo o caso que o almoço suba depressa, porque elles têm de partir pelo trem das duas horas » — tal é o brado sincero de Chambray!

Quando chega a caldeirada, Chambray tem uma inspiração genial — despe o casaco, abanca em mangas de camisa. E um rasgo de bohemia o de liberdade, que a encanta, a excita, faz sabir a garota que ha quasi sempre no fundo da matrona. Atira tambem o chapéu, um chapéu de duzentos francos, para o fundo do quarto, alargando os braços, e tem este grito d'alma:

— Ah oui, que c'est bon de se *déshabiller*!

E depois, como dizem os hespanhinhos — *la mar*. O sol, ao despedir-se da terra por esse dia, deixou-os ainda em Viroflay: ainda na tavernola; ainda no quarto; — e outra vez á mesa diante d'um *bistec* reconfortante, como os acontecimentos pediam muito logicamente.

Versalhes, esquecido! Tratava-se de voltar á estação, para tomar o trem de Paris. Ella aperta devagar as fitas do chapéu, apanha uma das flores da janella que mette no corpete, fixa um olhar lento em redor pelo quarto e pela alcova, para tudo decorar e reter — e partem. Na estação, ao saír para um compartimento differente (por causa da chegada a Paris), Chambray n'um aperto de mão, já apressado e frouxo, supplicaher que ao menos lhe diga como se chama. Ella murmura — *Lucie*.

— É é tudo o que sei d'ella, conclue Chambray accendendo o charuto. E sei tambem que é casada porque na gare Saint-Lazare, á espera d'ella, e acompanhado por um trintanario serio, de casa burgueza, estava o marido... É um *rusta*cuero, côr de chocolate, com uma barbita rala, enorme perola na gravata... Coitado, ficou encantado quando ella lhe deu um grande ramo de cravos amarelllos que eu lhe mandara arranjar em Viroflay... Mulher deliciosa. Não ha senão as francezas!

Que diz V. a estas coisas consideraveis, meu bom Ramalho? Eu digo que, em resumo, este nosso Mundo é delicioso e não ha nos espaços outro mais bem organizado. Porque note V. como ao fim d'este domingo de maio, todas estas

tres excellentes creaturas, com uma simples jornada a Versalhes, obtiveram um ganho positivo na vida. Chambray passou por um immenso prazer e uma immensa vaidade — os dois únicos resultados que elle conta na existencia como proventos solidos, e valendo o trabalho de existir. Madame experimentou uma sensação nova ou differente, que a desencovou, e desafogou, lhe permitiu reentrar mais acalmada na monotonia do lar, e ser util aos seus com reditiva applicação. E o Argentino adquiriu outra inesperada e triumphal certeza de quanto era amado e feliz na sua escolha. Tres ditosos, ao fim d'esse dia de primavera e de campo. E se d'aqui resultar um filho (o filho que o Argentino appetecia), que herde as qualidades fortes e brilhantemente gaullezes de Chambray, accresce, ao contentamento individual dos tres, um lucro effectivo para a sociedade. Este mundo portanto está superiormente organizado.

Amigo fiel, que fielmente o espera á volta da Hollanda — *Fradique*.

ÉÇA DE QUEIROZ.



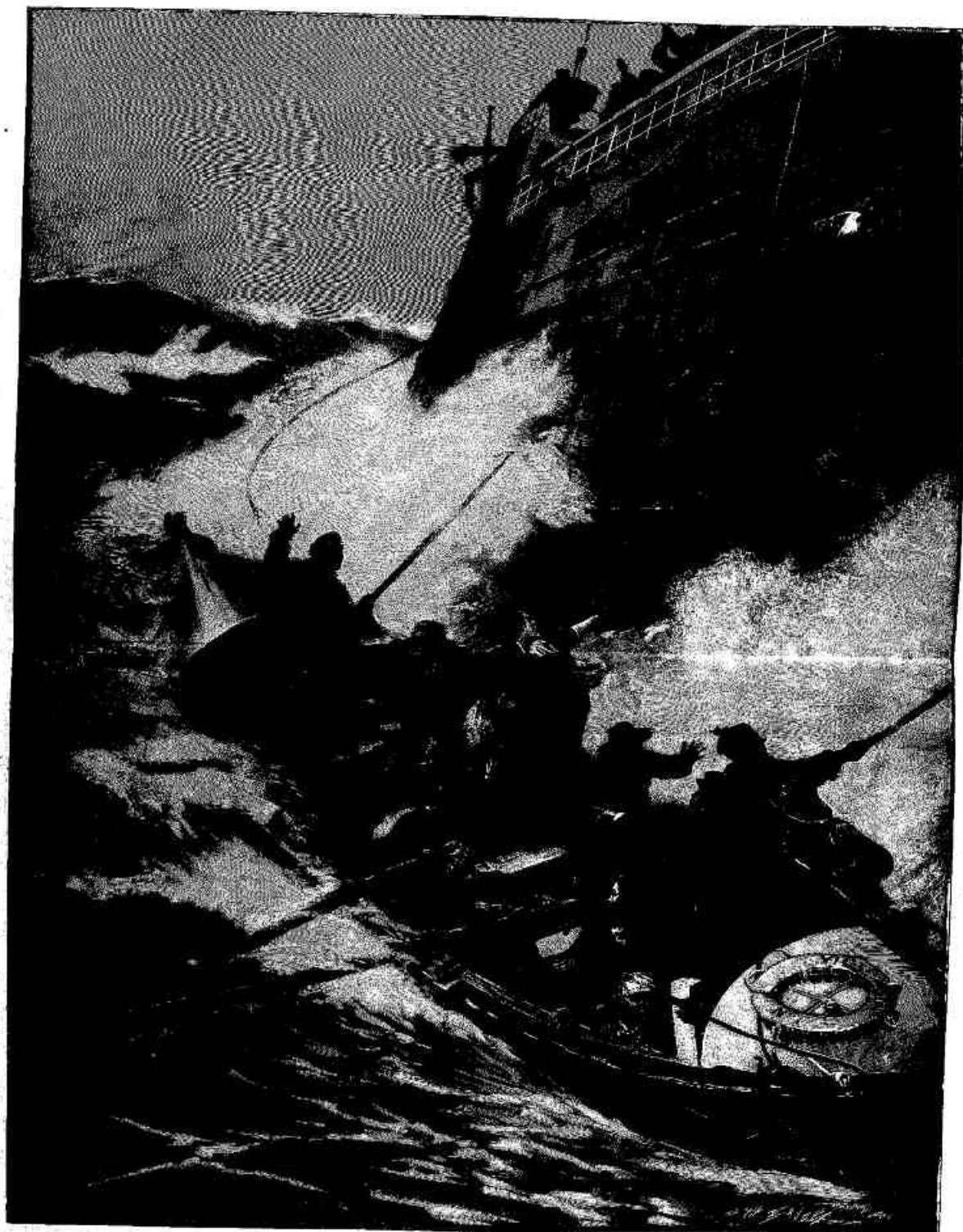
A CASACA DE PALMAS VERDES

ESSA manhã era uma verdadeira manhã de festa para o escultor Guillardin. Tendo sido nomeado, na véspera, membro do Instituto, ia estreiar perante cinco academias, reunidas em sessão solenne, a sua farda de academico, uma bella casaca de palmas verdes, novinha em folha, com bordados côr de esperança. A maravilhosa casaca, prompta a servir, estava colocada nas costas d'uma cadeira de braços e deante d'ella, Guillardin mirava-nva envidiçado, acabando de dar o nó da sua gravata branca.

— Nada de pressas!... — pensava elle. — Tenho muito tempo...

Mas o caso é que se encontrara vestido duas horas mais cedo do que é preciso, e a formosa M.^{me} Guillardin — que levava sempre muito tempo a fazer a sua *toilette* — dissera lhe que, especialmente n'esse dia, não estaria prompta senão á hora marcada, nem um minuto antes! Que havia, pois, de fazer o infeliz Guillardin para matar o tempo até lá?

— Vejamos se a casaca me fica bem — disse elle com os seus botões. — E, cuidadosamente como se pegasse n'um objecto de finas rendas, tirou a preciosa reliquia das costas de cadeira, e vestindo-a, com mil precauções, foi pôr-se, deante do espelho. Oh! que graciosa figura o crystal reproduziu! Que bello typo de academico de fresca data, gordo, feliz, risonho, ja meio grisalho, com o ventre saliente e os braços muito curtos, inteirados dentro das mangas novas da casa! Evidentemente satisfeito com a sua pessoa, Guillardin não sahia de deante do espelho, imitando a sua entrada no Instituto, cumprimentando os collegas, sorrindo para elles, tomando *poses* academicas! Todavia ninguém pode passar assim duas horas, defronte d'um espelho. Foi o mesmo que aconteceu ao nosso academico; o homem fatigou-se, e com medo de amarrôtar a casaca, resolveu despi-la e collocar-a de novo nas costas da cadeira. Em seguida sentou-se defronte d'ella do outro lado do fogão; e, estendendo as pernas, com as mãos em cruz sobre o collete de galá, deixou divagar deliciosamente o pensamento, voltando a miu-



UM NAUFRAGIO

QUADRO DE DARVANT. — GRAVURA DE CH. RAUDE.

A ILUSTRAÇÃO, N. 10. — 1000 exemplares de 1890.

do os olhos para a sua bella casaca de palmas verdes.

Como o viajante que chega, enfim, ao termo da sua viagem, gosta de se lembrar dos perigos e das difficuldades da jornada, assim Guillardin ia fazendo passar no espirito todas as peripecias da sua vida, anno por anno, desde o dia em que começara a esculpiura no atelier Joffroy. Ah! como fôra rude o principio da sua carreira! E lembrava-se dos invernos frios como gelo, das noites de insomnia, das caminhadas que dera para encontrar quem fizesse, o das coleras que experimentara, sentindo-se muito pequeno, perdido, desconhecido no meio de uma multidão marulhante, que tudo atropellava, que tudo derrubava, que tudo esmagava! E pensar que a elle só, sem protectores, sem fortuna, deve a si-lvar-se de tudo isso. O talento, unicamente o talento o ajudara! E como o queixo poisado no peito, os olhos meio-cerrados, Guillardin repleta muito alto a si mesmo:

— Tudo devo ao meu talento! Só ao meu talento!...

Foi então q e uma prolongada gargalhada secca e entrecortada, como o rir d'um velho, o interrompen subitamente. Guillardin, um pouco atropalhado, olhou á volta de si pelo quarto. Estava só, completamente só, em *tête á tête* com a sua casaca de palmas verdes, essa sombra de academico, solemnemente desdobra deante d'elle, do outro lado do fogão! E todavia o rir insolente continuava sempre. Então, examinando com mais cautella, o esculptor reparou que a sua casaca de palmas verdes não estava no lugar em que elle a tinha posto, mas realmente sentada, com as abas levantadas, as mangas apoiadas nos braços d'cadeira e o peito volumoso, com toda a apparencia de vida. Coisa inacreditavel: era a casaca que se estava a rir. Sim, sim! era essa singular casaca de palmas verdes que saltava as gargalhadas que o agitavam, que o sacudiam; e parecia-lhe que as abas da farda se mechiam e que as duas mangas cahiam para os lados, extenuadas, ao terminar essas gargalhadas terriveis. Ao mesmo tempo, uma pequenina voz maliciosa dizia:

— Jesus! que eu arrebeito!

— Que diabo vem a ser isso? perguntou o pobre academico abrindo os olhos.

A mesma voz respondeu, ainda com acento mais malicioso:

— Sou eu, senhor Guillardin, sou eu, a sua casaca de palmas verdes que o espera para ir á sessão solemne! Peço perdão de ter interrompido tão intempestivamente as suas divagações; mas é realmente exquisto ouvir a fallar do seu talento! E tanto que não pude conter-me... Ora vamos: metta a mão na sua consciencia, e veja se o seu talento foi o sufficiente para elevar o meu amigo tão depressa e para lhe dar tudo o que tem: honra, posição, fama e fortuna... Então o senhor julga isso possível, amigo Guillardin? Pense um bocadinho, antes de me responder. Pense mais, mais ainda! E responda-me agora. Bem vê que não se atreve a isso.

— Comtudo — gaguejou Guillardin, eu tenho... tenho trabalhado muito.

— Sim, muito, muitissimo. O amigo é um cavador, um operario, um grande trabalhador. O amigo conta os dias á hora, como os cocheiros dos trens de praça. Mas a scemtelha, meu caro, a abelha d'ouro que atravessa o cerebro do verdadeiro artista quando foi que o visitou? Nem uma vez só, bem o sabe. E todavia é ella que dá o talento. Ah! eu conheço muitos que trabalham tambem, de modo bem diverso do senhor, com intelligencia, com toda a fôbre de saber o que nunca hão de chegar onde o amigo chegou! Vamos, concordemos n'uma coisa emquanto estamos sós: o talento do senhor Guillardin consiste todo em ter casado com uma mulher formosa...

— Senhor!... — fez Guillardin, tornando-se muito vermelho.

Mas a voz continuou, sem se perturbar:

— Ora ahí está! A sua indignação ainda me dá mais vontade de rir, porque me prova o que toda a gente sabe, de resto: que o amigo é mais bruto que velhaco... Vá, vá, deixe-se de estar a olhar para mim com olhos de quem come sete. No fim de contas, se o senhor me toca, se me faz uma ruga ou um rasgão ser-lhe á impossivel ir á sessão solemne; e olhe que a senhora Guillardin não havia de ficar muito contente com isso. Porque, enfim, é a ella que cabe toda a gloria do dia de hoje. E a ella que as cinco academias vão receber logo; e aflução-lhe que se eu fosse ao Instituto aos hombros d'ella, que é sempre elegante apesar da idade, teria outro successo que não tenho indo no meu corpo... Que diabo! amigo Guillardin, é preciso a gente ver estas coisas! Você deve tudo a sua mulher, tudo, a sua casa, os seus quarenta mil francos de rendimento, as suas condecorações, e as suas medalhas...

E levantando a manga bordada, a casaca de palmas verdes apontava ao desgraçado esculptor os quadros com diplomas collocados nas paredes do quarto. Depois, como se quizesse, para torturar bem a sua victima, tomar todos os aspectos, todas as attitudes, essa cruel casaca aproximou-se da chaminé, e inclinando-se para diante na cadeira, com ar confidencial, praz se a fallar-lhe familiarmente, como a um camarada amigo:

— Ora diz-me cá, meu velho; parece que te incommoda o que te tenho dito: E' preciso porém que tu saibas o que todo o mundo sabe. E quem t'o hade dizer, se não fôr eu? Vamos: pensemos um pouco. Que tinhas tu quando te casaste? Nada. Que foi que tua mulher te trouxe? Zero. Então, como explicas a fortuna que tens? Vais dizer-me outra vez que tens trabalhado muito. Mas, desgraçado, trabalhando dia e noite, com favores, com as encomendas do governo, que não te faltaram depois do teu casamento, tu não chegaste a ganhar nunca mais de quinze mil francos por anno. E pensas que isso chegava para sustentar a tua casa? Lembra-te que a senhora Guillardin foi sempre conhecida como uma mulher elegante; que apparece em toda a parte onde se gasta dinheiro... Por Deus! eu bem sei que, encerrado todo o dia no teu atelier, nunca pensaste n'estas coisas. Contentavas-te com dizer aos teus amigos que tua mulher, com o que tu ganhavas, ainda fazia as suas economias.

A verdade é que casaste com um d'esses monstros de formosura que se encontram em Paris, uma d'essas mulheres ambiciosas e galantes que sabem governar ao mesmo tempo a sua casa e satisfazer os seus prazeres: A tua pensou comsigo: « Meu marido não tem talento, nem fortuna; mas é um excellente homem, condescendente, credulo, e o menos importuno possível. Que elle me deixe gosar tranquilamente, que eu me encarregarei de lhe dar tudo o que lhe faltar. E a partir d'esse dia, o dinheiro, e as encomendas começaram a chover no teu atelier. Depois, uma bella manhã, a senhora Guillardin acariou a ideia de ser a mulher d'um academico, e foi á sua mão caída em fina lã que te abriu uma a uma as portas do santuario... Pois que! meu velho o que te custou o direito de usares esta casaca de palmas verdes só os teus collegas o podem dizer...

— Mentres, mentes!... gritou Guillardin, estrangulado de indignação.

— Eh! meu amigo! não mintas, não... E para te convenceres d'isto não tens mais que olhar bem á roda de ti, quando entrares no Instituto. Verás a malicia no fundo de todos os olhos, e sorrisos em todos os labios, enquanto que á tua passagem se ha de cochichar: « E' este o marido da formosa senhora Guillardin! » Porque tu nunca serás na tua vida senão o marido d'uma mulher bonita...

D'esta vez, Guillardin não teve mão em si. Furioso, levantou-se, e ia lançar as mãos á insolente casaca de palmas verdes para a lançar

ao fogo, quando a porta do quarto se abriu e uma voz conhecida, o veio despertar do seu sono horrivel:

— Ah! Então o senhor deixa-se adormecer ao fogão, n'um dia d'estes!...

Estava deante d'elle a senhora Guillardin, formosa ainda, apesar de ter o rosto e os olhos exageradamente pintados. Ella mesma pegou na casaca de palmas verdes, e com um sorriso ao canto da bocca, ajudou o marido a vesti-la, enquanto que o pobre homem, ainda alagado em suor por causa do pesadelo que tivera, respirava aliviado, pensando de si para comsigo:

— Que felicidade!... Era um sonho!...

ALPHONSE DAUDET.



A REVISTA DAS REVISTAS

Portugal no seculo XVI

A armada aprestada em Lisboa no anno de 1588 constava de 130 velas a saber:

Galés e naus grossas, 65; vicas de 700 toneladas, 23; patachos de 70 a 100 toneladas, 19; zauras e galleões, 13; galeazas, 4; galés, 4; caravelhas, 30; fustes, 10.

Esta armada tinha 21430 peças de artilheria, sendo 11497 de bronze e as restantes de ferro coado. As munições de guerra constavam de 113:790 pelouros, 5:175 quintais de pólvora, 1:258 quintaes de chumbo para arcabuzaria e 1:151 quintaes de morrão.

O exercito e mais pessoas que iam n'esta armada e a que se dava razão montava a 504:697.

Mantimentos levava a armada 110:000 quintaes de biscuito; 14:160 pipas de vinho; 6:000 quintaes de toucinho; 3:433 quintaes de queijo; 8:000 quintaes de arroz; 6:320 quintaes de legumes; 1:1398 cantaros de azeite; 3:860 cantaros de vinagre; 1:860 pipas d'agua, etc., etc.

Novo aparelho de salvação.

Este aparelho, que foi observado na Exposição de Toulon, compõe-se d'um cylindro em cobre vermelho de 10 centímetros de comprimento e 7 centímetros de diametro, dividido interiormente em duas partes por uma valvula. Um dos compartimentos assim formados contem zinco e o outro acido chlorhydrico.

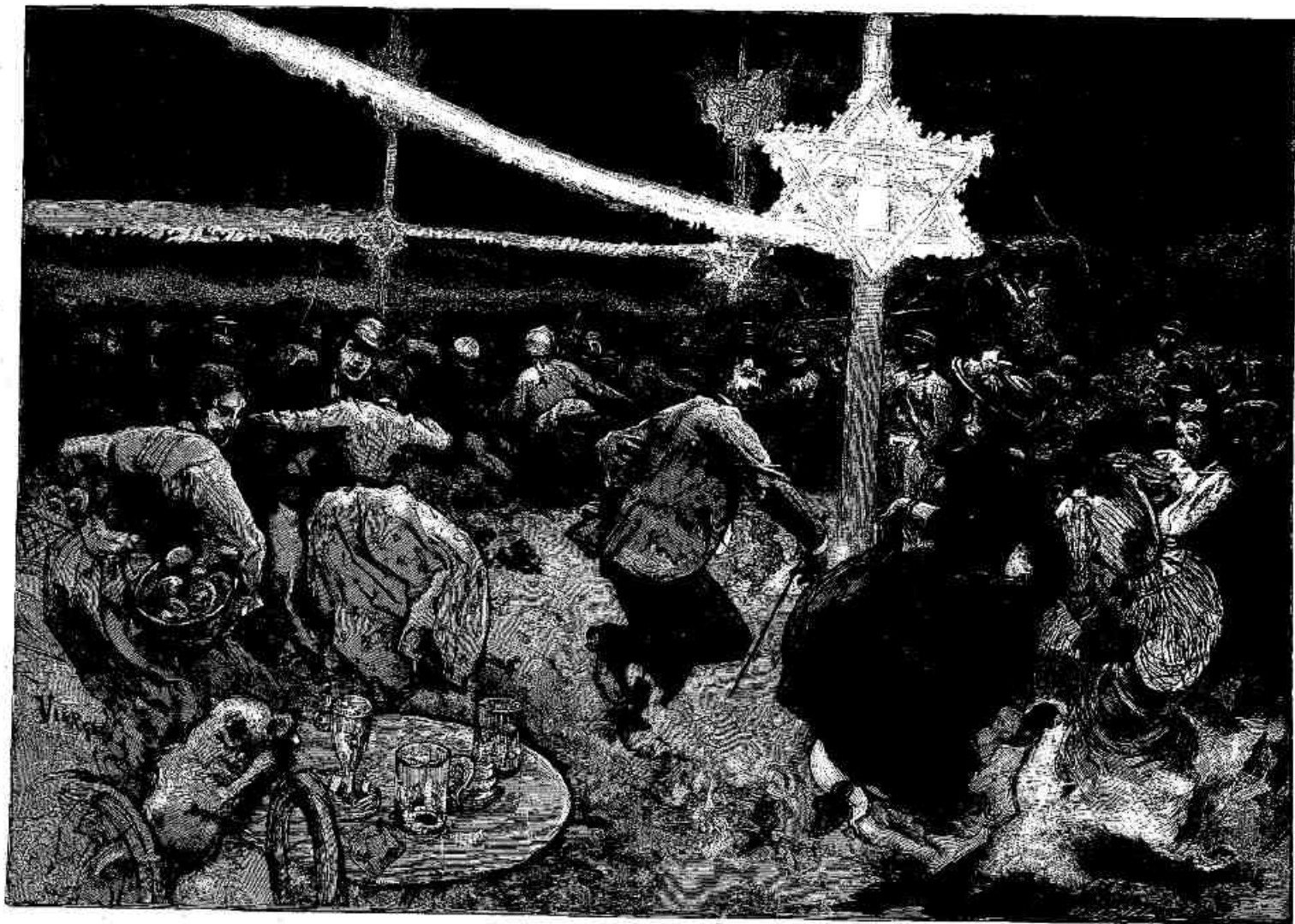
O cylindro trax-se em bandoleira n'uma saccofa, o é encadenado n'um tubo de caoutchouc com uma cintura tambem de caoutchouc que se mette debaixo do collete.

Se a pessoa que trax o aparelho caí á agua, a pressão do liquido basta para fazer abrir uma moia que sustem no seu lugar a valvula interior, e que se abre então para permittir a chegada do acido chlorhydrico em contacto com o zinco. Ha então uma passagem de hydrogeneo que vem encher a citra de caoutchouc e permite ao naufragio de se sustentar sobre a agua sem esforço.

Exportação de vinhos

A exportação dos vinhos portuguezes em 1889 foi de 1.474:288 hectolitros no valor de 12:324 contos, sendo:

299:868	hect. do Porto, valor	6:035	contos
19:082	» da Madeira, »	641	»
3:422	» de outros vinhos licoro., valor,	74	»
66:492	» de vinho com branco, valor,	291	»
1.085:423	» do vinho com tinto, valor...	5:283	»
1.474:288	» valendo	12:324	»



O DIA 14 DE JULHO EM PARIS. — Bailas ao ar livre nos bairros populares.



NO VERÃO. — QUALRO DE ROLL. — GRAVURA DE CH. BAUDEN.



PÂTE ÉPILATOIRE DUSSER



La boîte (*Grand Modèle*). pour la lèvre, le menton et les joues. 20^f
 La demi-boîte (*Petit Modèle*) spéciale pour une légère moustache. 10^f

PILIVORE, DÉPILATOIRE SPÉCIAL

DUSSER, INVENTEUR, 1, Rue Jean-Jacques Rousseau, PARIS.

GUERLAIN DE PARIS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMENDADOS

Agua de Colonia Imperial. — *Sapocetti*, sabonete de tocador. — Creme Jacobino (*Andreoli* *Crem*) para a barba. — Creme de *Morango* para amaciar a pelle. — Pós do *Imperial* para branquear a cutis. — *Kitiboula* cristallizado, para o cabelo e barba. — Agua *Athenienne* e agua *Imperial* para perfumar e limpar a cabeça. — *Maria Christina*. — *Fau Rose*. — *Familietto du Citron*. — *Nettoyage de Peau*. — *Imperial Russe*. — *Imperial do Brasil*, para o corpo. — Agua de Colonia Imperial *Russe*. — Agua de *tiara* e agua de *Chypre* para o tocador. — Alcoolato de *Cochlearia*, para a tosse.

Mudança de Domicilio

PERFUMARIA-ORIZA

L. LEGRAND, de PARIS

14, Place de la Madeleine, (antes 207, Rue St-Honore) PARIS

PRODUCTOS RECOMENDADOS

SABONETE ORIZA MACIO CREME-ORIZA ORIZA-LACTEO ORIZA-OLEO ORIZA-TONICA	ORIZALINA, tintura instantanea. ES3-ORIZA, de todos os perfumes. O RIZA-HAY, agua de tocador. O RIZA-POWDER ORIZA-VELOUTE.
---	--

Ultima Novidade

Produtos especiais de **VIOLETTE de CHIR**

ES3-ORIZA SOLIDIFICADO, debaixo da forma de Lapis e Pastilhas de 12 Cheiros.

A varrer em todas as cabelleiros e casas de Perfumarias.

CAUTELA COM AS CONTRAFACÇÕES



Em todos os Perfumistas e Cabelleiros
de França e do Estrangeiro

A VELOUTINE

To d'Amor especial
PREPARADO COM ESSENTO
Por **CH^{re} FAY**, Perfumista
9, rue de la Paix, PARIS.

DIGESTOES EFFICACES Dyspepsia perda de Appetite	DOENÇAS do ESTOMAGO <h2 style="margin: 0;">ELIXIR GREZ</h2>	GASTRALGIA ANEMIA Vomitos Diarrhea chronica
---	---	---

TONICO-DIGESTIVO COM QUINA, COCA e FERRO
 ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS — Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra
 PARIS — GREZ, 5, rue Le Drouyer, e em todas as Pharmacies

LA CHARMERESSE

Pó refrigerante, e não pôr tirado dos pés de belleza. A composição exclusivamente nova no ponto de vista de hygiene, a sua forma, oestudada e a sua perfeita adherencia foram recomendar e seu uso para as peles doentes, refresca a pelle, dissipa as rugas, dá ao rosto a brancura pallida, agradável e alacra da mulher e sua desapparecer, sem por encosto talha as impurezas (acne, sycosis, verruella, etc.) Para o brilho do lux, halle as expectações, sollicita a **CHARMERESSE, CONCENTRADA** e solidificada em *maquê*, tanto ad hoc, quanto ad *hormis*. **CHARMERESSE, NOIDADE**. — **DUPREUX**, inventor, Rue J.-J. Rousseau, n.º 1, Paris. — Em Lisboa: **GOTTFROY**, Rua Garrett, 81; **EDWARD**, Rua Garrett, 70; **ESPEÇO & Cia**, Praça do D. Pedro (Rocio), 112; **ALVARO**, Rua da Mouraria, 112.

Le Gérant: P. MOULLOT.

PARIS. — IMPRENSA DE P. MOULLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.